

# UM LIVRO... O PORVIR DE CINTURA FINA

A BOOK... CINTURA FINA'S FUTURE

UN LIBRO: EL PORVENIR DE CINTURA FINA

Rick Afonso-Rocha<sup>1</sup>

## RESENHA

MORANDO, Luiz. *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*. Uberlândia: O sexo da palavra, 2020.

Um livro... Páginas, letras, capa, orelha, autoria, edição... Relações de força. Poder. Resistência. Sujeição. Afetação. Circulação de emoções. Subjetividades capturadas. Construção de narrativas. Veridicção. Enfeite. Produção de verdades. Deslegitimação. Normalização. Legitimação. Naturalização. Produção de sujeitos. Mutilações. Fabricação de ficções. Produção da realidade. Memória. Silêncio. Arquivo. Um livro é um arquivo. Faz lembrar. Faz dizer. Ilumina. Cria campos de visibilidades. Faz proliferar dizeres. Reforça enunciados. Silencia. Apaga. Oblitera. Faz calar. Enquadra. Nisso, um livro pode ser tomado como um micro espaço das relações de força.

Um livro se estrutura desde um regime enunciativo. Um livro obedece, assim, a uma organização, isto é, regras específicas que legitimam posições subjetivas, estabelecendo as condições de fala, de escuta e de visibilidade. Das suas páginas, emergem formas de ver, formas de dizer e formas de escutar. Não quaisquer formas. Mas formas reclamadas – e postas em jogo – por força da memória, do social, da história, da língua. Um livro não é apenas

.....

1. É uma bicha, nordestina, branca, contra-CIS-identificada: doutoranda e Mestra em Letras: Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC). Bacharela em direito (UESC) e advogada (OAB/BA). Bolsista FAPESB. Integrante do grupo de pesquisa *O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura Homoerótica* (GPBIOH), do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais da UFRPE (NuQueer) e do Grupo de Pesquisa *Estudos Literários Contemporâneos: Fontes da Literatura de Jornal* da UEFS.

um livro. É uma trama. Uma urdidura. Um livro é um campo de batalha que indicia determinadas formações discursivas e formações de visibilidades.

É o corpo que emerge verdadeiramente de suas páginas. Todo livro é um traço da história dos corpos. Um livro não é formado de palavra, mas sim de órgãos. O signo verbal revela-se signo corpóreo. Cada palavra, linha, cada parágrafo, frase, capítulo desvela-se parte de uma operação do poder, de uma engrenagem enunciativa que legitima formas de ver, de dizer e de escutar os corpos em dada formação social e histórica. A biblioteca infinita de Borges mostrar-nos-ia a história, igualmente infinita, do corpo.

É a partir dessas considerações que quero pensar o livro *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*, de Luiz Morando, publicado pela editora *O sexo da palavra* em 2020. Esse é um livro que reduplica o signo corpóreo. Radicalmente, não é um livro unicamente verbal. Não há apenas palavras. Não há apenas letras. Não há apenas enunciações. Há corpos. É um livro feito de órgãos. É um livro que faz ver as tramas pelas quais o corpo nomeado como Cintura Fina foi dito, visto e escutado. É um livro que obriga a enunciar as formas pelas quais Cintura Fina foi lançada em jogo, isto é, as formas pelas quais esse corpo circulou na economia social dos afetos:

Afeminado. Invertido sexual. Pederasta. Pederasta passivo. Anormal. Faz uso do travesti. Horizontal. Ladrão. Elemento desordeiro e brigador. Vadio inveterado. Vadio, desordeiro e provocador de escândalos. Autêntico profissional do crime. Incurrigível [...]. À medida que os delitos praticados por Cintura Fina geram inquéritos policiais e ações penais, a imagem da imprensa ricocheteia e reverbera aquela que o aparelho policial-judicial vai moldando, dando complexidade e cristalizando uma personagem multifacetada. (MORANDO, 2020, p. 21-22).

Aqui, cabe destacar que esse livro é, digamos, uma biografia. Por isso, não podemos desprezar as condições de invenção desse gênero e seus efeitos na produção dos regimes de olhares e dizeres pelos quais os corpos foram historicamente legitimados ou deslegitimados. A biografia esteve atrelada, por muito tempo, a ideia de dignidade da vida narrada. Não era qualquer vida que “poderia” ser colocada em jogo enunciativo. Era preciso que a vida biografada fosse uma vida digna de memória. A escrita sacraliza a vida. O traço torna-a imortal.

É a vida dos santos, dos reis, dos nobres que mereceriam ser narradas. Em seguida, a dignidade do traço alcança as vidas dos artistas, das grandes personalidades. O gênero biográfico é atravessado, assim, por um nítido

interesse de classe. Não é o operário, o servo, o escravo, a puta, a bicha, o prisioneiro que serão traçados. A grafia não alcança o baixo, pois nega-lhe dignidade. Muito mais do que interesse de um suposto público leitor, a negação do traço às *vidas infames*, para usar um termo foucaultiano (1993), parece corresponder a um exercício da memória. Afinal, um livro é um arquivo. Faz memória. Faz lembrança. Grava. Registra. Biografar uma vida indigna significa fazer dela algo, torná-la existente.

Se para a vida digna inventa-se a biografia como técnica de bioarquivamento, de fazer memória, para a vida indigna é preciso impedir a memória, é preciso que dela não haja lembrança, que ela seja impedida de narrar-se ou de ser narrada com quaisquer indícios de dignidade. É preciso que a vida indigna tenha como memória apenas sua condição de infâmia, de monstruosidade, de periculosidade. Inventam-se os registros médicos, hospitalares, os registros dos hospícios, das prisões, os boletins das delegacias, das casas de reclusões, os registros de jornais que narram e produzem a periculosidade das vidas indignas. Inventam-se técnicas de necroarquivamento. Técnicas que visam a produzir a eternidade da ameaça, da anormalidade. Que visam a legitimar as formas dominantes de ver, de dizer e de escutar aqueles corpos como vidas indignas. Técnicas que visam a produzir e naturalizar os mecanismos que negam humanidade a tais corpos:

Normalmente, tais vidas chegam até nós apenas pelos vestígios do corpo-a-corpo com o poder, materializados em escassos arquivos como os relatórios dos hospitais psiquiátricos e as fichas de controle dos presídios. Contudo, devemos considerar que, em diversos contextos [...] tais arquivos são minimamente controlados e produzidos, de modo a desaparecer com as corporalidades infames [...] (AFONSO-ROCHA, 2021, p. 115).

As técnicas destinadas a fazerem tais vidas desaparecerem, produzindo apenas um arquivo de sua infâmia, de sua monstruosidade e anormalidade são, então, corrompidas, pelas tramas de resistências, a produzirem a memória dessas vidas, mas também a memória da luta, do embate, da batalha, a memória do silenciamento. As vidas indignas corrompem o necroarquivamento e produzem a memória do impossível. Fazem do traço do poder, o rastro daqueles impedidos de produzirem vestígios. Os relatórios médicos, psiquiátricos e prisionais são obrigados a atestarem a existência das vidas indignas. Por eles, tais vidas fraturam o regime de olhares, de visibilidades e de dizeres dominantes. Por eles, conseguimos entrever a artimanha do poder

em biografar determinadas vidas como ameaças sociais. Conseguimos entrever as vidas produzidas como indignas de arquivo. Conseguimos entrever as engrenagens que produzem as vidas a serem esquecidas, vidas impossíveis de memória.

É por meio desses dizeres e olhares que vemos emergir Cintura Fina. A obra mostra-nos como esse corpo foi narrado desde a monstruosidade, a anormalidade, a perversão, a doença, o pecado, a anomalia, a criminalidade... A obra faz ver uma Cintura Fina produzida sob o signo da indignidade. Uma vida impossível de memória. Vida produzida para provocar medo. Vida que foi, portanto, despossuída de corpo, vida relegada à carne, vida-sem-corpo. Do sofrimento da carne, não deve haver compaixão, nem memória. Desse arquivo, Cintura comparece como mera carne, vida destinada a não produzir afetos positivos, vida destinada a legitimar as ações mortíferas do poder.

É nesse sentido que penso o livro de Morando como uma contra-biografia, pois ele perverte a lógica do necroarquivamento. Por meio dos documentos do poder, Morando fratura a instabilidade da memória da ameaça, apresentando-nos Cintura Fina como um corpo produzido desde as enunciações do poder. O livro faz ver a engrenagem do poder e faz questionar a legitimidade das mutilações imposta no corpo de Cintura. Esse só poderia ser um livro impossível, um livro porvir. O porvir aqui pensado como a memória do futuro, logo a memória do impossível, mas também a memória do infinito.

Morando não os oferece apenas um livro, mas uma navalha, um livro-navalha, um livro de cortes, um livro que decepa o corpo do poder, retira-lhe os órgãos, faz-lhe jorrar sangue e expõe suas entranhas... Um livro que se aproveita dos registros do poder para contar, para narrar a indigna vida de uma vida sem corpo. Um livro que faz a história da infâmia e que faz ver a assunção da periculosidade como *forma-de-vida*, que faz enunciar a rejeição da integração e que faz escutar o chamado da ameaça como constituição afetiva. Um livro que faz questionar o ideal liberal de assimilação e faz ver que a “ameaça” – nossa periculosidade, nossa anormalidade – pode ser uma ética. Uma ética contra o poder, uma ética bélica que faz reconhecer que a tentativa de produzir nossa não-ameaça, nossa normalidade esbarra no gozo fascista “deles”. É um livro-navalha que faz enunciar:

É fundamental que abandonemos a posição de vítima – mesmo quando o estado, a polícia, o homem branco e o homem cis têm historicamente demonstrado sua incapacidade de abandonar a posição de agressor. Não há saída senão aceitar de uma vez por todas que fomos inscritas numa guerra aberta contra a nossa existência e a única forma de sobreviver a ela é lutar ativamente pela vida (MOMBAÇA, 2021, *online*).

Penso que muito mais do que dar dignidade a Cintura Fina, Morando mostra a dignidade da vida indigna, faz ver a dignidade da vida que rejeita, consciente ou não, a normalização; fazendo ver a ética da indignidade. Em sua narrativa, Morando faz ver que, queiramos ou não, nós, os excluídos, seremos narrados como ameaçadores, como anormais, como perigosos. Logo, cabe-nos ressignificar a ameaça como tática de luta, como resistência. Diante dos gritos histéricos que nos acusam de corromper a masculinidade, de destruir a família, de ameaçar os valores cristãos,

Cabe a radicalização nossa também, de afirmar com todas as letras o que é uma estratégia política crítica anti-sistêmica: ‘ah, vocês querem destruir a família...’ Sim, queremos. Porque se a gente não quiser, não vai ser ameaça. E se a gente não perceber isso, a direita faz questão de corrigir nossa burrice, porque eles falam isso pra gente. ‘Vocês só são ameaça se quiserem mexer na família. Se quiserem desregrar o sexo e desnORMATIZAR o desejo’ e a gente diz o quê? Que não quer ser ameaça? (PALHA, 2019, *online*).

*Enverga, mas não quebra* situa-se em uma constelação de outras obras como *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*; *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*, ambas de Michel Foucault; *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg; *Poems from Guantánamos: the detainees speak*, de Marc Falkoff e tantos outros livros-navalhas que fazem, dos arquivos do poder, o lugar da lembrança infame, o lugar das enunciações impossíveis, que fazem, dos registros do poder, o contra-enquadramento das vidas destinadas a não deixarem rastros, das vidas indignas de traço, das vidas destinadas a fazer memória apenas da periculosidade, do pecado, da doença, da perversão, da injúria, da anormalidade. Ao lançar luzes nas engrenagens do poder que produzem determinadas vidas como dignas de arquivo e de lembrança, ao passo que, necessariamente, fabricam outras vidas como indignas de memória e de reconhecimento, *Enverga, mas não quebra* mostra-se um importante livro para as áreas dos Estudos de gênero e sexualidade, dos Estudos biográficos, da Micro-história, dos Estudos da biopolítica, da Arqueogenealogia etc.

## Referências

AFONSO-ROCHA, Rick. *O perigo cor-de-rosa: ensaios sobre a deimopolítica*. Salvador: Devires, 2021.

FOUCAULT, Michel. *La vida de los hombres infames*. Buenos Aires: Altamira, 1993.

MOMBAÇA, Jota. *Publicação em perfil do Instagram Afrotonizar*. Sem título. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CR4uYBFFdYR/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CR4uYBFFdYR/?utm_medium=copy_link)>. Acesso em: 04 ago. 2021.

MORANDO, Luiz. *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*. Uberlândia: O sexo da palavra, 2020.

PALHA, Amanda. O movimento LGBT e o fim da família. In: *Seminário internacional democracia em colapso*, São Paulo, 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-mli2tFYbGmc>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

*Recebido em 21 de agosto de 2021.*

*Aceito em 27 de setembro de 2021.*